

O SAGRADO E O PROFANO

HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1987

RECENSÕES

Joaquim Ferreira Gomes, *A Mulher na Universidade de Coimbra*, Coimbra, Livraria Almedina, 1987, 120 pp.

1. Os estudos de história e de sociologia da Educação e das instituições de cultura e ensino não têm merecido em Portugal o interesse que estão a suscitar noutros países, onde — acompanhando a crise da escola e da cultura que hoje se verifica — quase se pode dizer (passe a expressão) que estão na moda. A criação tardia de Faculdades dedicadas às Ciências da Educação — que ainda assim ocupam um lugar subalterno em relação à Psicologia — estará por certo na base desse atraso, como o estará a institucionalização também recente de cursos de Sociologia. Por outro lado, as próprias Faculdades de Letras, bem mais antigas, não criaram equipas de investigação nessas áreas, de tal forma que — apenas um exemplo — a História da Universidade portuguesa continua a ser estudada, na sua globalidade, apesar de algumas análises parciais importantes, pela obra clássica de Teófilo Braga, quase centenária, ou pela síntese de Mário Brandão e de Lopes de Almeida, com meio século de idade.

No entanto, começa a surgir um certo esforço de alteração deste quadro, aparecendo as primeiras obras de sociologia e de história sociológica da Educação, bem como de história das instituições de ensino. E, finalmente, parece iniciar-se um certo esforço de organização, que ficará marcado pelo 1.º Encontro de História da Educação em Portugal, realizado em Outubro de 1987 por iniciativa do Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian.

2. Joaquim Ferreira Gomes, que foi, por assim dizer, o motor da criação, no âmbito da Universidade de Coimbra, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, tem sido dos poucos investigadores que, desde há longo tempo e de forma continuada, se tem dedicado ao estudo da história da

educação e das instituições do ensino. Depois de vários livros publicados recentemente, que contêm artigos antes inseridos em revistas, surgiu agora uma outra obra, que analisa um tema inédito, *A Mulher na Universidade de Coimbra*. Diga-se mesmo: um tema inédito e oportuno, dado que há bem pouco tempo a Mulher foi objecto de dois colóquios de finalidade científica, cujas actas estão já publicadas.

Livro apresentado com «intenções modestas», no dizer do autor, apresenta um conjunto de informações que são, todavia, da maior importância para realizar estudos histórico-sociológicos sobre a Universidade e a Mulher. Através de listas nominais e/ou quantitativas ficamos a conhecer a identificação e/ou o número, e a respectiva curva de variações, de mulheres que frequentaram a Universidade de Coimbra, a partir de 1891 (altura em que se matriculou a primeira), as mulheres que têm exercido cargos docentes e de investigação e até as mulheres que ali exerceram funções nas várias áreas que supõe a organização científico-pedagógica, ou administrativa e logística, da Universidade.

Simple colecção de «dados», como Ferreira Gomes pretende? Essencialmente (temos de o dizer) é isso que o livro nos apresenta. Mas o certo é que a ideia orientadora da pesquisa dos «dados» que nele se inserem demonstra uma aguda consciência de que a instituição universitária precisa de ser estudada em perspectivas histórico-sociológicas, que ultrapassem a análise formal e superficial (quase diríamos «positivista», utilizando um chavão da «História Nova») que até aqui se tem geralmente realizado. Daí o grande interesse desta obra, que merece ser considerada como leitura obrigatória para qualquer investigador de história da educação, de história social e de história da cultura, para qualquer sociólogo, bem como para quem se interesse pelos problemas recentes de Portugal. Sem qualquer sentido de militância feminista, direi mesmo que as mulheres deverão necessariamente meditar sobre os «dados» ali coligidos.

Claro que algumas reflexões ocasionais poderão ser consideradas discutíveis e, acima de tudo, necessitariam de ser desenvolvidas e analisadas em profundidade, sob pena de virem a ser consideradas como superficiais. É esse o caso da afirmação de que a Universidade é «o espelho e o reflexo da Sociedade» (p. 90), que pode ser entendida como uma espécie de «frase feita» ou interpretada como reveladora de uma concepção (ainda) elitista (em termos sociais) da Universidade. Por outro lado, que significado tem a afirmação de que a Faculdade de Direito é «demasiado velha», razão

Recensões

por que não possui no seu corpo: doutoral nenhuma mulher (p. 106)? Limitada aos termos de uma «insinuação», suscita dúvidas quanto às suas intenções. E, no entanto, ela poderia desenvolver-se sob a forma de equacionação profunda de interessantes questões histórico-sociológicas, como sejam o significado das faculdades jurídicas e dos juristas nas sociedades rurais e tradicionais e o complexo problema do «conflito de faculdades», que foi objecto da polémica mas interessantíssima reflexão de Pierre Bordieu (cfr. *Homo Academicus*, Paris, Editions de Minuit, 1984). Outra questão que aborda de forma vaga é o da vida comunitária das mulheres enquanto estudantes e a sua intervenção na sociedade em termos de grupos católicos (pp. 85-88). Para tal recorre a alguns testemunhos interessantes; no entanto, a análise realizada não ultrapassa o «pitoresco» e não aborda o problema em toda a sua extensão, ficando nós sem saber se realmente era essa a única área de actuação das mulheres e em caso afirmativo, qual o significado profundo que isso tinha. De resto, seria importante conhecer o tipo de formação escolar anterior, o estrato social e económico e até, se possível, a tendência política das mulheres que frequentaram a Universidade, em particular na sua fase inicial. Mas... talvez estas reflexões críticas não tenham qualquer razão de ser e, acima de tudo, não sejam justas, pois Ferreira Gomes, assumidamente, não quis ultrapassar o registo de «dados» que — conforme nos diz — deverão ser depois «tratados» por historiadores e sociólogos. O livro não nos dá mais do que aquilo que promete, mas o que nos oferece já é muito importante.

Enfim, trata-se de uma obra a não perder, que tem até como aliciante uma belíssima apresentação — cuja responsabilidade não cabe por certo à «casa editora» mas ao autor — com uma gravura de um notável artista, que tem também como carácter de personalidade a sua modéstia, Nunes Pereira. É, pois, uma obra que, com a sua singeleza, mas também com o seu sentido inovador, honra o 7.º Centenário da Universidade em que se diz inserir. Mas Ferreira Gomes noutras obras que nos promete ir publicar por certo ultrapassará este resultado «modesto», apresentando-nos não só «dados» aliciantes, como é o caso, mas profundas análises histórico-sociológicas. Assim esperamos, como desejamos que o 7.º Centenário, entre outras iniciativas, sagre a formação de um núcleo organizado de história e sociologia da Universidade, para que Ferreira Gomes poderá concorrer de modo decisivo.

Lúis Reis Torgal